

QREN - Aldeias de Memória

História de Vida

de

José Joaquim Castanheira

registada em 2008-09-25
por

Joana Ribeiro e Carla Aguiar

José Joaquim Castanheira

José Joaquim Castanheira nasceu a 17 de Dezembro de 1962, na Mourísia. Com 5 anos veio para os Moinhos. A mãe é Laurinda dos Anjos e o pai é Artur Castanheira. Ela nunca teve trabalho senão na agricultura. O trabalho do pai era compor moinhos, arranjar podões e levar podões para trás da serra. Andava, ao dia, a cavar terra e trabalhava também de ferreiro. Ainda esteve em Lisboa, numa fábrica de móveis. José começou a escola no Piódão, depois veio para o Chãs d'Égua. Durante um ano andou na escola em Lisboa. Ficou com a terceira classe. O pai antes queria que fosse trabalhar que estudar. Desistiu da escola. Começou a cavar terra com o pai. Só folgavam aos domingos. Depois andou nos esgotos, meio ano. Foi para Coimbra, para o mesmo empreiteiro. Regressou e foi para o pinhal, “cortar pinhal e andar com um tractor a arrastar pinheiros”. Mais tarde, trabalhou nas estradas. Actualmente é pedreiro e canalizador. Conheceu a mulher quando andavam a cavar e foi com a autorização dos seus irmãos que namoraram e casaram. O casamento foi em Fátima, em Junho. Depois do casamento vieram para a Quinta dos Moinhos.

Índice

Identificação José Joaquim Castanheira.....	4
Ascendência Laurinda dos Anjos e Artur Castanheira.....	5
Casa Lares de antigamente.....	7
Infância Memórias dos tempos de criança.....	9
Religião "Uma coisa impressionante".....	11
Educação "A escola, os professores e tudo era muito diferente".....	12
Namoro "Tenho-me portado bem, senão levo com o pau".....	15
Casamento "Tivemos que adiar para Junho".....	15
Migração "Escasseou mais o trabalho".....	16
Percurso profissional "Sempre com força todo dia".....	17
Ofício "Gosto do trabalho que ando a fazer".....	19
Costumes As tradições da terra.....	20
Lugar A terra onde eu foi criado.....	25
Lazer O tocador de flauta.....	30
Sonhos "Um sítio onde houvesse mais pessoal".....	31
Avaliação "Do antigamente".....	31

Identificação *José Joaquim Castanheira*

O meu nome é José Joaquim Castanheira. Nasci, a 17 de Dezembro de 1962, na Mourísia. Foi onde a minha mãe casou. Depois esteve lá um tempo. Foi daí que viemos para os Moinhos. Já tinha uns 5 anos talvez.



José Joaquim Castanheira (2007)

Ascendência *Laurinda dos Anjos e Artur Castanheira*



Mãe de José Joaquim Castanheira, com 60 anos

A minha mãe é Laurinda dos Anjos e é da Mourísia. O meu pai é Artur Castanheira e é daqui, da Quinta dos Moinhos. Ela nunca teve trabalho noutra coisa senão na agricultura, tanto lá na Mourísia como aqui. O meu pai, o trabalho dele era compor moinhos, arranjar podões e levar podões para trás da serra. Também fazia podões novos para aqui e ia levar aí por as terras. Os podões era para cortarem o mato e para ceifar erva. Antigamente roçava-se cá muito mato. Precisavam dos podões, não era como agora que não há quem roce mato. E havia também uns "soiteiros"¹ que eram uns foições para cortar o centeio. Aqui, por estas coisas "pia cima"², havia muito centeio.

¹soiteiras ou seitouras

Ele andava aí, ao dia, a cavar terra e trabalhava também de ferreiro. A ferraria era logo aqui ao pé da fonte. Quando se desce para os Moinhos, vê-se logo aquela porta grande, larga, era aí. Já vem do tempo do meu bisavô. O meu bisavô era da Aldeia das Dez e depois veio para os Moinhos. Casou aqui com a minha bisavó e depois ensinou o filho. E o filho ensinou o meu pai também. Pronto, foi de bisavós para netos. Agora a ferraria até está cheia, que a gente vendemos o fole. Comprámos uma ventoinhazinha pequena para arrefecer o ferro, mas a gente depois já não tinha coiso para puxar ao fole.

O meu pai ainda esteve em Lisboa, numa fábrica de móveis, mas governou-se sempre por aqui, coitado. Depois foi reformado. E agora, infelizmente, está incapacitado, não pode andar. Têm de cá vir os enfermeiros todas as semanas fazer um penso numa perna, que ele tem uma doença, uma úlcera varicosa.

"O meu pai chorava com a pena das cabras"



Pai de José Joaquim Castanheira Lisboa, 1946

²por aí acima

Eu e o meu pai sempre tivemos cabras e ovelhas. Mas uma vez, vim do trabalho, cheguei aqui, ouvia-o gritar aí para baixo. Digo eu:

- Que raio! Que é que andarás para ali?

Depois vim ali ao fundo da casa, lá me apercebi que era ele. Lá estava ele caído no meio do mato. Escorregou, o molho passou por cima dele, ficou lá, mal caído. Depois não se conseguia levantar. Lá fui eu atirar-me por aí abaixo, lá o trouxe. Depois, a partir daí, disse:

- Não! Temos que acabar com o gado.

Mas ele dizia:

- "Não, não, não!"

- Não, sim! Temos que acabar.

Depois daquilo, as forças foram faltando, foram indo, foram indo até que um dia lá se convenceu. Diz ele:

- "Olha, vamos acabar então com elas!"

E pronto. Acabámos com elas há uns cinco anos talvez. Mas o meu pai chorava com a pena das cabras! Ia para lá, para o pé delas, punha-se a passar a mão por cima e a chorar em volta delas. Aquilo parecia que tinha ali um menino! E eu disse:

- Deixe lá, pai! Ó pai, então, você não podia andar, como é que você podia?

Agora diz ele: acabei com as cabras, que acabei com ele, que ficou mais preso. E ele por aí está. As cabras, comemo-las! Aquilo que se cá criava cá se comia. Um ano matámos uma, outro ano matámos outra e depois, então, matámos o chibo e uma cabra que era para leite. Mas davam leite que era uma categoria! Mas, pronto, tivemos que nos desfazer daquilo. E é assim.

Casa Lares de antigamente

"Luzia o frio por todos os lados"

Tenho muito poucas recordações da minha casa na Mourísia. Sei que era uma casa pequenina. Diz a minha mãe que aquilo era uma casa pequenina e que estava lá frio. O dia que eu nasci até estava um nevão grande! Mas estava um nevão enorme. Diz que veio um médico lá de Côja tirar-me, senão que morria eu e a minha mãe. Dizem eles que se lembram de me porem uma mantazinha logo por cima e levaram-me logo para o pé da lareira. Mas depois o médico conseguiu

salvar-nos os dois. Se eu tenho morrido, até era uma fortuna! Já não andava aqui a chatear as pessoas!

Tenho uma prima minha - uma que está em Sintra - que também lá nasceu. Ainda lá fomos há dois anos. Diz ela:

- "Ó Zé, lembras-te ali naquela casa?"

Agora já reconstruíram. Mas aquilo era uma casa pequenininha. Luzia o frio por todos os lados. Não era casas rebocadas como agora há. Não era assim de reboco. Era pedra por fora e por dentro. E depois aquilo levava barro no meio das paredes, que era para isolar o frio. E era assim que a gente ali vivia. Antigamente era assim a miséria.

"A casa por cima e umas lojzitas por baixo"

Depois é que então viemos para os Moinhos. Arranjámos uma barraquita em baixo, uma casa onde os meus pais estão a viver. Ainda era frontais, que ainda lá está os frontais de madeira. As paredes, arranjámos barro nas barreiras, rebocámos aquilo e demos-lhe uma caiadela. A gente lá conseguia viver.

Tínhamos três divisões: era o quarto dos meus pais, eu também tinha lá outro e o do meu avô. Ele andava a trabalhar em Lisboa, mas depois veio para cá, para o pé de nós, e também lá tinha um quartito. Éramos todos três em três quartos, cada um no seu partimento. E tínhamos uma salita pequenina. Primeiro, só na casa é que tinha uma cozinha. Depois o meu avô era pedreiro, o meu pai também sabia, percebia da pedra, fizeram então uma cozinhezita ao lado e um fornozito para cozermos o pão, que aqui antigamente cozia-se. De 15 em 15 dias o forno tinha que trabalhar para a gente. O sustento que a gente cá tinha era broa e feijão. Não tínhamos casa de banho. Isso era lá por as leiras e assim, que era por onde nos desenrascámos. Era a casa por cima e umas lojzitas por baixo. Numa loja tinha duas arcas ou três para pormos o milho, o azeite e a salmoira. A outra ao lado, na mesma casa, era onde metíamos o porquito. E tinha um sótão pequenino que era onde eles punham alguma coisa, alguma arrumaçozita. Tínhamos um curral e, às vezes, às dez cabeças de gado. À volta, tínhamos muita terra, que ainda hoje temos aí. Está uma cheia de silvas, outra de relva. Já pouco podemos cultivar, porque as forças vão faltando.

Infância *Memórias dos tempos de criança*

Serões em família

Quando vim para os Moinhos, os meus avós também cá estavam. E tinha aqui uns tios que eram da parte do meu pai. À noite, o meu avô trabalhava ali na forja e ia para lá tocar ao fole. Lá punham um cepozito debaixo dos pés para ele estar ali. Ele gostava de estar a tocar ao fole. Era o meu pai mais o meu avô a malharem o ferro para fazerem os podões, para irem depois vender. Era a vida deles.

Durante o serão

Ainda me lembro, foi já há alguns pares de anos, que morreu a primeira velhota aqui nos Pés Escaldados. O meu avô mais a minha mãe foram lá velá-los. E eu mais o meu pai ficámos a picar os foições. Aquilo é uma coisa redonda, uma cunhazinha, para cortar o centeio. E a gente ficou a picar aquilo para depois levar um molho. Essa vez foi para ir levar à Malhada Chã. Lá também se cultivava muito centeio e era para onde ele levava mais podões e foições. Passámos ali o serão. Enquanto o meu avô e a minha mãe foram lá levar a mulherzinha, nós ficámos ali a picar os foições à cozinha, que era para o outro dia o meu pai ir para trás da serra. Era o "ganha-pão"³ deles.

"Quando vinha o Verão, era uma festa"

Isto aqui pouca malta cá havia. Bem, havia muita gente mas aqui, deste lado, havia pouca. Era só eu mais um vizinho meu que deve estar para a Alemanha, que ele diz que andava lá a trabalhar. Às vezes, brincava mais ele, mas, quando eu vim para aqui, ainda pouca gente havia e eram mais velhos que eu. Agora, mais tarde, já havia outros moços daquele lado de lá. O Raul começou a ter filhos, eu ia para lá para o pé deles. Outras vezes eles vinham até aqui. E havia outra moça lá em cima nos Barreiros, que essa já faleceu, coitada, infelizmente. Depois,

³rendimento

começámos a arranjar camaradagem dos mais novos e assim sucessivamente. Era assim, íamos ter uns com os outros. Eram com que a gente nos entretínhamos aí.

Quando vinha o Verão, aquilo era uma festa! Andámos sempre enterrados na água! A gente bastava assobiarmos que já sabíamos que era para irmos para a ribeira. Íamos para lá, andámos nas trutas, que havia cá muita truta, e andámos sempre enterrados na água de manhã à noite. Depois, chegámos a casa, os velhos enxotavam-nos o pó! Diziam eles:

- "Ai sim!/? Então de onde andares agora ides comer!"

E a gente calados. Depois diziam-nos:

- "Vá, agora ides tapar a poça para não levardes porrada!"

E a gente lá íamos, às vezes escuro, tapar as poças. No outro dia de manhã, levantávamos cedo e vínhamo-las botar que era para eles não nos baterem. E era assim a nossa vida.

Brinquedos, isso aqui poucos. Ai de nós! Às vezes, os meus padrinhos é que quando cá vinham traziam um carrito. Mas as nossas brincadeiras eram assim: quando andávamos com o gado na rua mais os outros colegas daquele lado, fazíamos casitas aí no meio dos matos. Às vezes, era a minha mulher lá da Covita a falar-me e a gente lá a esconder-se numa casita que ainda está em baixo. Agora passou lá o lume, mas ainda não caiu as paredes. Lá estávamos assim "encochidos" e, às vezes, fazíamos lá lume também.

Pronto, não havia brinquedos como agora. Podia haver brinquedos, só que não havia era dinheiro para os comprar! Sabe Deus como os velhos se viam para nos governar. Quando vínhamos da escola, o nosso comer era uma tigela ou um prato de sopa de feijão. Não era da sopa assim vulgar. Era um prato daquela coisa de feijão, a carne, com licença, do porco e pão. Era o nosso comer, era o nosso forte. Depois, com uma fatia de broa, um bocado de chouriça. Ficávamos ali com uma peitaça! Agora é Nestum, é iogurtes, essas coisinhas todas. Só no ano passado é que andei a comer aí uns iogurtes. Nunca foi coisa que cá comi. Amargo parece! E gelados, nunca! Não sei se eles são bons, se são somenos. Foi coisa que nunca passou aqui para baixo. É verdade.

"De volta da lareira a tocar a flauta"

Ainda fui com o meu pai arranjar moinhos. Antigamente, daqui à Covanca, eram três horas de caminho! Tive uma caixa de ferramenta de picos, martelos e "o diabo a quatro". Mas a minha ferramenta era uma serra de carpinteiro, um trado ao ombro e uma flauta. A serra é que não sei se já se estragou, senão, mas o trado ainda aí está. E o meu pai era com aqueles lenços encarnados que havia antigamente. Ainda agora os alentejanos usam desses lenços assim

adaptados ao pescoço. Então, íamos por aqui acima, direito ao alto da serra. Quando chegávamos ao alto da serra, o meu pai acenava de cima das fragas. A minha mãe já sabia que a gente já lá ia no alto. Mas daqui para cima é hora e meia, tudo a subir!

Depois, à noite, lá donde dormíamos, sentava-me de volta da lareira a tocar a flauta. Toda a gente lá vinha. Ainda hoje o dia há um velhote na Covanca que diz:

- "Então e a flauta, ó Zé?"

- Ainda lá está! - digo eu.

No Inverno, estávamos ali por volta da lareira. O meu avô tinha uma viola e eu tinha uma flautazita, que desde sempre gostei de tocar flauta. E era ele a tocar naquilo, eu também no realejozito e a minha mãe a cantar. Era um céu aberto aquilo lá! E, pronto, assim se passava mais um bocado até às nove, dez horas. Depois, antigamente, íamos para a cama, porque tínhamo-nos de levantar cedo para irmos para o mato ao outro dia.

Religião "*Uma coisa impressionante*"

Eu ia à catequese ao Piódão. Mas tinha aqui uma tia minha, que agora está em Côja, e essa é que me ensinava. Depois ela foi-se embora para a Alemanha e eu ia ao Piódão. Tínhamos lá catequistas para nos ensinarem a doutrina e lá fizemos a Primeira Comunhão, a Profissão de Fé e a Cruzada também. São três profissões que a gente fazia. Era a Primeira Comunhão, que era com um laçozinho. Acho que a minha mãe ainda lá tem esse laço guardado. Depois era a Profissão de Fé. E depois era a Cruzada. Aquilo tem uma fita grande e levam uma cruz. Sei que era uma coisa assim do género.

Lembro-me da catequista, mas essa também já faleceu. Às vezes, vínhamos da escola em filas por aí abaixo para irmos à catequese. Chegámos lá e a primeira coisa que nos ensinaram foi logo:

- "Olha, está aqui esta chavezinha que é para irmos aqui abrir o sacrário."

Mostrou-nos o cálice onde estão as hóstias, a Cruz por cima e disseram:

- "Olha, ali é onde está Nosso Senhor na Cruz."

Ainda não tinham a pedra no altar como agora. Aquilo era um coisito em madeira, assim um quadradozito, e tinha as duas velas do lado. Dizem:

- "Olha, a gente, quando é para a missa, acendemos estas duas velas. E aqui é donde o padre põe o livro para dizer a missa."

E a gente lá começámos a matutar naquilo:

- Isto deve ser uma coisa impressionante!

E assim lá fomos indo. Lá nos começaram a ensinar a doutrina, a dizer o Pai Nosso e a Ave Maria e assim sucessivamente.

Falta o tio Artur

Também ia à missa ao Piódão. Era uma hora daqui para lá a pé e, às vezes, a chover. Mas tínhamos aquele vício de ir à missa. Primeiro íamos todos os domingos. Então o meu pai, um domingo que ele lá falhasse... Agora é que já custa-me a subir aí a ladeira. Quando o meu pai começou a ficar cá em casa, até choravam na missa com a pena dele. Viam o banco, onde ele costuma a estar, vazio e diziam:

- "Olha, já cá falta o tio Artur."

- "Olha, o tio Artur não pôde vir. Para ele faltar à missa... Faço ideia como é que ele não anda."

Educação "*A escola, os professores e tudo era muito diferente*"

Comecei na escola do Piódão. Depois vim aqui para o Chãs d'Égua. Os meus pais foram ainda trabalhar para Lisboa quase um ano e também fui para lá, para a escola. Gostei de andar tanto numa como noutra. Mas aqui e lá era diferente, totalmente diferente. A escola, os professores e tudo era muito diferente.

"Ou a gente aprendia ou ficava doido"

Por exemplo, na escola do Piódão, chegámos muita vez mais tarde. E em Chãs d'Égua também. Se a gente fosse só que passasse um minuto ou dois das nove horas, era logo com a régua nas mãos. Até botava fagulhas! Uma vez chegámos lá meia hora mais tarde. Foram 20 reguadas! É verdade, nunca me esquece. A essa professora ainda há pouco lhe fizéramos uma casa no Piódão, na curva logo adiante da Casa da Padaria. Uma casa com umas portas azuis, que tem assim uma varandozinha, essa fomos nós que fizemos. E a professora é dona dessa casa. Acho que é Goretti. Pronto, estávamos muitos dos Moinhos na escola do Piódão. Íamos na brincadeira e nem tínhamos relógios como agora. Lembrávamo-nos lá nós da escola. Então, íamos à toa "pia cima"⁴. Depois, quando lá chegávamos, punha-se ela assim:

- "São horas!? Então andai cá!"

⁴por aí acima

E a gente lá ia. Púnhamo-nos todos em fila: "tufa"! Cada minuto era duas ou três reguadas. Olá! Então a gente, muito caladinhos, íamos para dentro com as mãos a formigar. Lá estávamos muito sossegadinhos. Ela era terrível! Aquilo, poça! Ou a gente aprendia ou ficava doido! Mas tínhamos que aprender. E então, se a gente se portasse mal, era logo a régua. "Pum", para os alunos! Mas aquilo era lixada! Depois mandou-nos levar uma cana, que era para assinar no quadro. Lá nos começava a mandar ir ao quadro. Mas estávamos nervosos, começávamos a escrevinhar. Quando a gente, às vezes, dava um erro, ela "pumba", logo com a cana por a cabeça abaixo! E "pumba" com a cana por cima, na lateral. Aqui, no Chãs d'Égua, também ainda andei muito tempo. E a professora também era lixada para bater. Ou aprendíamos ou levávamos tarefa! E assim lá íamos. Éramos terríveis! Agora diz a malta que os professores não podem bater nada nos alunos. Deram eles fazerem como no nosso tempo. Iam lá um dia, não voltavam lá mais!

"Em Lisboa não batiam"

Em Lisboa era diferente. Tínhamos que dar respostas e a professora fazia com que a gente aprendesse. Mas bater lá nunca nos bateu. Não, lá em Lisboa não batiam. Já não me recordo bem dela. Sei que era uma mulher assim de meia-idade. Era boa pessoa, só que nem sei o nome dela. E os colegas lá também eram espectaculares. Era uma escola de 40 pessoas. No Piódão, também ainda chegámos a andar uns 20 e tal alunos. Mas em Lisboa era uma escola enorme. Era diferente, porque aqui a gente era tudo conhecido da zona do Piódão, do Chãs d'Égua, da Foz d'Égua e das Quintas. Mas íamos lá à escola em Lisboa e aquilo juntava muita gente. Eu, o primeiro dia que lá fui, ia para ali todo encolhido. As minhas primas é que lá andavam e eu fui à beira delas. Elas chegaram lá:

- "Olha, tu ficas aí nessa carteira. - Com o meu colega, éramos dois em cada carteira - Olha, agora desenrasca-te!"

E eu lá estive... Ainda me lembro bem a primeira lição que lá dei! Era sobre a lua! É verdade. Essa ainda nunca me esqueceu. Pronto, ensinavam quantas fases tinha a lua, como é que ela se ia diminuindo, depois como ia crescendo, como é que quando vinha nuvens aquilo escurecia, não sei que meses e não sei que mais. Depois tínhamos de fazer um verbo sobre aquilo. Tínhamos que dizer que, conforme as nuvens vinham, aquilo que era um espelho que tapava a luz e assim sucessivamente. Agora, o resto é que já não me recorda, mas sei que foi por causa da lua a primeira lição que eu tive em Lisboa.

A escola para além do estudo

Na escola, as brincadeiras era a gente a jogar à bola e era a saltarmos à corda com os outros colegas. Em Lisboa era tudo areado, cheio de areia, e assim lá andámos a jogar à bola, a saltar à corda, a brincar à apanhada e às escondidas também. Em Chãs d'Égua, às vezes, também andávamos a brincar às escondidas e assim. Mas aqui eu lembro-me de tratar do jardim. Era o nosso trabalho no recreio. Tínhamos um canteirozinho pequeno cada um. Depois, cada um tentava arranjar as flores mais bonitas para pôr lá e enfeitar melhor o canteiro. Andámos sempre à "arracaducha" uns com os outros por causa de arranjarmos plantas mais bonitas. Às vezes, íamos às cantarinhas aí por a serra acima para plantarmos lá também. Era assim as nossas brincadeiras.

A casa onde agora estão as gravuras é que era a nossa escola. No Inverno, quando nevava muito, a professora dava-nos a escola em casa dela. Para ir dos Moinhos para cima, às vezes, ainda se conseguia, mas começava a nevar, tapava-se o caminho. Claro, não se rompia dos Chãs d'Égua para a escola e não se conseguia vir para aqui. Como não tínhamos lareira nem nada na escola, estava a gente ali ao frio. Então, ficávamos em casa da professora. Ali já éramos menos. Depois, quando havia um bocado de oportunidade, tínhamos que ir à lenha, lá ao meio dos giestais, para ela aquecer os pés e para nós nos aquecermos também.

"Antes trabalhar que estudar"

Fiz até à terceira classe. Vim de Lisboa perto do fim do ano. Era para passar lá. Como fizeram a transferência, vim aqui para o Chãs d'Égua. Depois a professora aqui disse:

- "Então, não vale a pena. Depois para o ano..."

Mas disse o meu pai:

- "Ó pá, também já és um garoto, tens que ir trabalhar!"

O meu pai antes queria que eu fosse trabalhar que estudar. Desisti da escola. Depois como eu fui trabalhar, fiquei na terceira, mas tenho o estudo como fosse da quarta classe.

Namoro "*Tenho-me portado bem, senão levo com o pau*"

Conheci a minha mulher quando andámos a cavar. Começámos na agricultura. Andávamos a cavar para semear batatas e era depois para enterrar estrume. Depois começámos na brincadeira. Dizia ela:

- "Ah, tens que enterrar bem o estrume, senão depois não se consegue enterrar aí as batatas."

- Então, e que interessa? Enterram-se à enxadada! - dizia eu.

Conhecemo-nos assim. A gente lá mais ou menos começou a namorar. Às vezes, íamos até lá. Ela andava com o gado, a quase falámos e assim sucessivamente... Outras vezes, ia lá até à noite. Era assim. Os pais dela já tinham falecido. Então, foi aos irmãos que tive de pedir autorização. Depois ofereceram-me uma colher de pau, que ainda ali tenho, e disseram:

- "Se não te portares bem, levas com a colher de pau!"

Foi a minha cunhada que me ofereceu. Tenho-a ali no móvel e já escrevi lá: "oferta da minha cunhada". Diz ela que, se não me portasse bem, que era para levar com a colher. E eu, então, tenho-me portado bem, senão levo com o pau!

Casamento "*Tivemos que adiar para Junho*"

O nosso casamento foi em Fátima porque era mais perto para os familiares da minha mulher. A gente cá não tínhamos donde deitar o pessoal. Então, falámos: vamos daqui para baixo, eles vêm de Lisboa, almoçemos. Depois ainda tivéramos mais o azar, que tínhamos convidado o casamento para o dia 10 de Abril ou Maio. Mas o meu pai caiu, partiu uma perna e teve que ir para o hospital. Depois tivemos que adiar para Junho. Mas, pronto, lá correu tudo bem. Lá nos casámos em Fátima e depois fomos recebidos em Ourém. Fomos lá almoçar. O meu velhote lá ia de bengala. Lá comeu e bebeu. Quem lhe dera ter a saúde que tinha nessa altura. Ainda levámos convidados. Daqui fôramos numa carrinha de nove lugares cheia. Foi só os padrinhos, primos, os irmãos dela, os meus tios também e pouco mais, porque as viagens daqui para baixo eram caras. E lá de Lisboa trouxeram umas duas ou três carrinhas.

Depois do casamento viemos para aqui, para a Quinta dos Moinhos. Tinha já aqui comprado a casa. Eu queria comprar noutro lado, mas ela disse:

- "Não, sempre fico aqui ao pé dos meus irmãos e temos aqui as fazendas..."

Lá comprei isso por cento e tal contos a um tio meu que está em Côja e assim foi. Ainda hoje o trabalho dela é na agricultura. É cultivar as batatas, o feijãozinho e o renovo para a gente comer durante o ano. Enquanto ela puder, é assim.



Maria de Jesus, esposa de José Joaquim Castanheira (1991)

Migração "*Escasseou mais o trabalho*"

O meu pai foi para Lisboa, porque escasseou mais o trabalho. Um padrinho meu, que estava lá, disse para o meu pai:

- "Eh pá, vens até cá que há bom trabalho."

Trabalhou numa fábrica de móveis. Era colador de fórmica nos armários de cozinha. Aquilo era uma máquina que andava ali para trás e para dentro. E o trabalho dele era com uma espátula, uma lata de cola, um metro e um lápis. Não falhava ali um milímetro nas medidas. E então gostavam até lá dele. Eu e o meu pai fôramos lá passar este ano o Natal. Lá vieram ter colegas com ele. Ainda hoje é o dia que eles lá falam nele e perguntam porque é que ele não ia para lá e tal. O meu pai diz:

- "Oh! Agora é que eu posso para cá vir trabalhar?"

Mas dizem que, lá na fábrica, ainda gostam dele, que não se entretinham com ninguém.

O meu pai ainda lá andou. Mas depois o meu avô adoeceu e andava aos meses na casa dos filhos. A casa em Lisboa também era pequenina, mal era para a gente, e os meus tios não quiseram lá deixá-lo estar no nosso mês, o mês de Março. Tivemos que vir para a aldeia. Regressámos para os Moinhos.

"Aquilo parecia o outro mundo"

Em Lisboa, também se estava bem. Mas, quando lá fui a primeira vez, Jesus! Aquilo parecia o outro mundo! Ainda me lembro que a minha mãe me levou ao colo e o meu pai tinha medo de passar no barco, na prancha. Via tanta água "pia além"⁵ e aquilo ali a dançar. Dizia:

- "Ah, vou cair!"

Não saltou para o lado de lá. A minha mãe, comigo ao colo, saltou. Ele não conseguiu. Chegou a hora de partir o barco, ala embora! Ficou do lado de cá. Depois o meu avô chegou ao outro lado, ele não ia lá. Tornou a voltar e depois lá puxou pela mão, lá o levou. Pronto, era como eu. Nunca tinha ido a uma coisa daquelas e ele logo disse:

- "Não, isto é uma coisa do outro mundo!"

Mas o meu pai foi e subiu ao Cristo Rei comigo! Eu já estive no fundo dos pés do Cristo Rei! E foi ele que me levou ao colo. A minha mãe, essa, teve medo de subir lá para o Cristo Rei e não teve medo para saltar no barco. E ele teve medo de saltar no barco e não teve medo de ir ao Cristo Rei.

Eu pensei que Lisboa era outra coisa diferente. Mas é como agora. Há sempre a diferença de mudanças. De como é os prédios de antigamente para agora, acha-se muita diferença. Só que nos primeiros dias, com o barulho dos carros, pelo menos na casa de um cunhado meu que tenho em Loures, é pior. Ui! É noites em claro que eu passo lá. Mas depois, em estando lá dois ou três dias, já me habituo ao barulho, já durmo bem. Mas em Sintra, nos meus primos, que fui lá passar este ano o Natal, é como seja aqui. É lá no alto da serra, em frente ao Palácio da Pena. Aquilo ali é impecável.

⁵por aí além

Percurso profissional "*Sempre com força todo dia*"

Eu depois, saindo da escola, é que vim trabalhar. Comecei a cavar terra aí com o meu pai. Já a começar a ganhar 100 escudos por dia. Quando via 100 escudos na mão, até ficava todo contente! Eh pá! Isso já era uma fortuna! Ia para os meus cunhados, lá para baixo, cavar uns chãos grandes que tem ao fundo. Começava em Fevereiro, era até ao dia 10 de Junho, que é os últimos dias. Aquilo era uma alegria! E não me doía o corpo! Ainda digo hoje: tomara ter metade da saúde que eu tinha naquela altura. O meu pai não era preciso chamar. Quando era essas cinco e meia, estava sempre pronto a levantar-me. Ala embora! Pegava na enxada todos os dias. De manhã, levantávamos, chegávamos à casa dos clientes para onde íamos cavar, era logo bacalhau, queijo rijo e, outra vez, queijo fresco. Às dez horas tornávamos a comer: era feijão guisado, era batatas, era tudo. Ao meio-dia tornávamos a comer. Aí a essas duas, três horas da tarde, tornávamos a comer. A gente comia pratos enormes de comer e andava sempre elegante! E então sempre com força todo dia. Só folgámos aos domingos. E, aos domingos, ainda íamos daqui a pé para o Chãs d'Égua, para a bebedeira. Era o nosso trajecto. Mas andámos ali todo o dia e não doía nada do corpo. Agora uma pessoa esforça-se mais um bocadito, começa logo a queixar-se:

- Ui, ui, ui...

Ainda uma noite destas, andei lá a puxar umas pedras. De manhã, quando me levantei, aqui os ombros e as costas parece que estava tudo partido. E é que doía mesmo. Tivesse cá aquela força que tinha antigamente... Oh! Agora a gente anda tudo podre. Não sei se é das comidas, se é do que é.

"Fiquei por aqui assim desaninhado"

Quando fizeram ali os esgotos no Piódão, ainda não tinha 18 anos. Diz o encarregado das obras:

- "Bem, falta-te ainda... Ainda não és bem de 18 anos. Isto é um perigo!"

Mas depois fazia-os nesse ano, lá me meteu. Andei nos esgotos meio ano. Depois fomos para Coimbra, para o mesmo empreiteiro, trabalhar também nos esgotos.

Mais tarde, vim para aqui, para o pinhal. Foi quando houve os primeiros incêndios. Começou aqui um moço, que chamavam-no Augusto, a cortar pinhal. Fomos para ele e começou também com obras. O nosso trabalho era cortar pinhal e andar com um tractor a arrastar pinheiros. Começámos a cortar e a malta começou a vender. Depois eles deixaram-se disto e eu fiquei por aqui assim desaninhado.

Ainda andei em Coimbra também nas estradas. Andei meio ano na Construção Nogueira Seco. Então, andava lá assim um bocado desanimado, porque aquilo lá era chapa da caldeireira. Chapa lá ganhada, lá a deixava. À noite, ia para os cafés até às tantas da manhã. Chegava a casa, não me apetecia fazer o comer. Ia comer ao restaurante. E eu disse:

- Não, isto assim não pode ser!

Desisti daquilo. Foi quando o meu patrão começou aí nas obras. Vim para cá, para ele.



José Joaquim Castanheira (1988)

Ofício "*Gosto do trabalho que ando a fazer*"

Em 1990, é que fui então para este patrão e ainda lá ando hoje. Gostei dele e ele também gosta do meu trabalho. Hoje sou pedreiro e canalizador. Comecei de pedreiro. Fazemos paredes de pedra, de pedreiros. Ainda, há duas semanas, andámos na Vide a fazer dois paredões grandes na represa. E agora andamos lá adiante na Pousada da Juventude a fazer um palheiro para as ovelhas. Mas depois eu trazia lá um cunhado que sabia trabalhar de canalizador. Fui para o pé dele,

lá comecei a aprender de canalizador e lá dou um jeito. Não é assim muito, mas dou-lhe um jeitito. E assim andamos por aí. Trabalho, ele tem aí muito, graças a Deus. O melhor que ele tem é ter trabalho com força e ter lá gente a trabalhar. E tenha ele pessoal com fartura. Mesmo assim já somos 12, com ele 13, já é uma equipa. Ainda há dias, andámos a falar lá no trabalho. Isto é assim: andemos aqui 12 indivíduos, porque o patrão anda por aqui e ficámos encaixados a trabalhar. Porque, senão, íamos embora.

Não segui o ofício do meu pai, porque ando nas obras, não dá. Mas, se houvesse trabalho nos moinhos, ainda dava lá um jeito naquilo. Também não pensei ir para a Lisboa. Gosto do trabalho que ando a fazer e o patrão também não é mau.

Costumes *As tradições da terra*

Tradições cá, há poucas. A gente aqui é do trabalho para casa e pouco mais.

"Arraial até umas tantas da manhã"

Antigamente eram festas mais bonitas que agora, porque havia muita gente. Agora também há gente, muita gente, só que ficam a ver. Mas antigamente aquilo era espectacular! Íamos todos. Os homens levavam umas opas, uns coisos brancos vestidos. As mulheres era com uns véus pretos pela cabeça, que antigamente usavam. Chamavam Irmandade. Agora não se usa nada aquilo. Cada um vai de qualquer maneira e feitio. Mas antigamente era assim. A gente não podia ir em mangas de camisa para a missa, que o padre descascava-nos depois. E agora vai-se de manga curta, vai-se de calções, vai-se coiso, mas antigamente não podia ser.

A festa começava com a missa. Depois, a meio da tarde, faziam o leilão. Era garrafas de vinho, queijo, que antigamente aqui havia muito queijo, outras levavam aguardente, mel, medronho e azeite. E, então, aquilo era ao despique. Um oferecia 5 e eu oferecia mais 5, bota para ali 10, outro 15, outro 20... Por exemplo, quem tinha muito queijo, agarrava, levava um ou dois. A malta sabia que aquilo era queijo bom, então, lá lhe picavam. Chegava-se a pontos que até as ofertas dos meus cunhados chegavam aí aos 60 contos por queijo! Depois, porque era queijo dos meus cunhados, eu ia e picava-o também. Era assim que arranjavam ali uns 300 e 400 contos só no leilão. O dinheiro era para depois a Comissão fazer melhoramentos, para a água, para manutenção dos tanques. Era assim que funcionava.

À noite era arraial até umas tantas da manhã. Nessa altura, o padre proibia os arraiais. Depois começaram a fazer um dia para a Igreja, que ainda hoje é, e os outros dois dias era da Comissão. Só naquele dia é que não havia baile. Mais os outros dias havia. Há os bailes e depois a malta andava aí a comer e a beber. Havia sempre bifanas, caracóis... E, durante a noite, aquilo era comer e beber até andarmos meios zonzos. E então o caminho "pia baixo"⁶ já não nos metia medo! Aquilo era a direito! Muitas vezes vinha lá do Chãs d'Égua para baixo às três, quatro horas da manhã. Aquilo era por um caminho, não era pela estrada como agora. Aqui caía, ali me levantava e lá vinha. Às vezes, chegávamos a casa todos rasgados. Depois a minha mãe chateava-me a cabeça.

"Se o pai desse conta..."

Um dia estava o meu pai já a levantar-se e eu estava-me a deitar. A minha mãe ainda deu conta. Diz ela:

- "Ai, se o pai desse conta, estavas lixado!"

Mas ele não deu conta. Lá se levantou, foi botar a água e eu estava todo sossegadinho e ainda disse:

- Deixa-te ir que vais bem.

Se fosse ele dar-se conta... Mas depois, ao outro dia, tinha as pernas todas "esgarranchadas"⁷. Cheguei ali ao fundo da casa, conforme ia para subir as cabeiras, de modo que desequilibrei-me, comecei a andar de marcha atrás. O cume era baixo, havia lá umas couves, rasguei-me todo nas couves! Ó pá, ao outro dia, diz meu pai:

- "Andaste aos tombos!?"

- Ah, eu sei lá, já não me lembro.

Então depois, ao outro dia, foi comigo. Mas, esse dia, chegámos cedo para baixo.

No Natal

O Natal era praticamente como agora. Convivem as famílias uns com os outros, coze-se o bacalhau com as couves à noite, fazem-se uns bolos e passamos aí um bocado da noite até à meia-noite. Ouve-se botar os foguetes e depois é

⁶por aí abaixo

⁷lavradas

que a gente se vai deitar. Ao outro dia, então, juntemo-nos outra vez. Às vezes, come-se chanfana ou fazemos cabrito no forno.

Pouco me lembra antigamente. Mas não era como agora. O bacalhau havia sempre. Só que não havia dinheiro para se comprar as coisas. Às vezes, ao outro dia, era uma galinha que se arranjava e já não era mau. Era tempos pobres. Prendas? Ó, ó! Que é delas!?! Às vezes, diziam-me os meus pais:

- "Ó pá, põe o sapatinho na chaminé que é para te vir o Menino Jesus pôr lá a coisa!"

Então, o meu avô punha lá uma nota! Às vezes uma moedazita ou um carrito, quando ele ia a Lisboa. Outras vezes uma flauta. E aquilo já era uma prenda que... Jesus! Era assim.

A matança era uma festa

A gente matava sempre um porquito todos os anos. Era em Janeiro, Dezembro, Fevereiro, quando ia o tempo mais fresco, por causa da mosca. Durante o dia, quando a carne do porco estava pendurada a escorrer podia-se, às vezes, pôr lá uma mosca e depois estragava a carne. Um porquito que tinha que dar para todo o ano era o nosso conduto. Não era como agora, não íamos aí aos supermercados.

A matança era uma festa! A gente, de manhã, matávamos. O nosso trabalho era chamuscá-lo, rapá-lo, lavá-lo, pendurá-lo e abri-lo. Punham logo o sangue a cozer num caldeiro grande. Aí, quando o pendurávamos, antes de o abrirem, era logo queijo fresco e sangue cozido com um dentinho de alho. Aquilo era uma categoria para beber uma pinga. Então, era as mulheres - chamavam elas - a estremar as tripas das banhas. E depois iam lavá-las à ribeira. Quando vinham de lá para cima, é que faziam os torresmos para a gente comer e elas também. Ao meio-dia, era o almoço. Era logo carne do porco. À noite, tornava-se a desmanchar o porco e era cortar febras para o lume. Assávamos um bocado de carne. Era a minha mãe a cortar para as chouriças e eu a tirá-las! "Pumba", para as brasas e vai ele comer! E ela dizia:

- "Ah sim!?! Come-la aqui assada, depois já não comes as tuas chouriças lá de cima!"

E eu:

- Vamos lá ver chegar!

Era uma festa toda a noite. Às vezes, tínhamos enchido ainda do ano passado e também era tradição comer sempre um bocado do enchido do porco do outro ano antes. A gente ainda tínhamos acabado de comer, mas comíamos na

mesma. Aquilo era um estômago que era uma máquina! Comíamos que eu sei lá o quê. Comia-se e bebia-se mais uns copos e assim acabava a matança do porco.

Depois, ao outro dia, é que se cortava a carne para o enchido e salgava-se. A carne era para o ano todo. Agora é arcas frigoríficas. Aqui, antigamente, era no sal que a gente curtia a carne. E, então, a do sal era boa e mais saudável que a de agora. Salgávamos os presuntos, púnhamos ao fumo e íamos cortando dali.

No Carnaval

Antigamente, no Carnaval, é que eram lixados! Esse dia era um dia santo, que não se fazia nada. Era um dia que era uma paródia. De manhã, a gente levantava-se e tal, começávamos logo a preparar para irmos até lá em cima, ao Chãs d'Égua, para a festa. Então, juntávamos e punham máscaras. Um homem, lá em cima, tinha uma máscara, parecia uma caveira. Depois os outros vestiam uns capotes, outros umas saias. Aquilo era uma palhaçada! Estávamos mascarados, mas a malta sabia mais ou menos quem era. Aquilo era uma palhaçada que andava ali. Era para nos rirmos, para passarmos o tempo.

Então, andávamos de adega para adega. Acabávamos a beber vinho por um funil! Às vezes, quando íamos a passar, molhámos também as pessoas. E, outras vezes, mandavam vinho quando eles passavam na rua para ver a gente e beber. Quando acabávamos de correr as coisas todas, íamos para a taberna, já íamos todos embeberados. Aquilo era uma paródia! Depois dançavam, faziam baile. Arranjávamos sempre petisco. Íamos arranjar chouriça ou queijo fresco. O queijo fresco era o mais fácil da gente arranjar. Íamos lá pelas portas:

- Então, não nos arranja aí um queijo fresco?

- "Pronto, levem lá!"

Então, às vezes, chamávamos aqui, botávamos ao lanço. Um botava tanto, outro botava tanto, corríamos a coisa toda. Depois, quando chegava ali, a gente queimava-o. Mas botava-lhe bastante dinheiro para cima para ele ficar ali para a gente comer. Então, botávamos um bocado de pimenta, que era para a gente beber mais vinho. Aquilo queimava que eu sei lá o quê! E salgávamos bastante! Depois acabámos até por comer cebola crua para bebermos mais vinho. E bacalhau por adoçar? Aquilo era uma máquina. Agora é que já não. Dia de Carnaval é como um dia agora da semana. Pronto, não há juventude. Mas antigamente, ui, isso era terrível!

Domingos de paródia

A gente, às vezes, aos domingos, também fazíamos disso. Era uma festa. Quando era no tempo da nossa paródia, quando não havia mais nada, era bacalhau por adoçar que se comia. No Chãs d'Égua, um homem tinha uma taberna. Vendia lá mercearia e era donde a gente se ia aviar. Comprávamos um bacalhau, começávamos ali a esfarrapar nele. Aquilo era uma "farramalha"! Enquanto ele durasse, era sempre para cima do balcão. Era uma paródia! E a malta dava-se tudo uns com os outros.

Hoje já nunca se cá junta malta como antigamente, para fazer festas como se fazia. Agora, sei lá, parece que esses, que têm mais dinheiro que os outros, pensam que já são mais coisos. É assim.

Usos pascais

Antigamente, mesmo até Quarta-feira de Cinzas, que é logo no princípio da Quaresma, não podiam comer carne. E na Quaresma, às sextas-feiras, ai da gente que lá comesse! Então, de jejuar aqueles dias parece que até estava a puxar a vontade de comer a carne ou irmos ao presunto. Mas a minha mãe, está bem está! Ai daquele que lá mexesse! Não podíamos mexer na carne, nem no enchido, nem nada. Agora também se respeita. A gente não vai comer todos os dias carne. Mas já não ligam tanto como antigamente. E Sexta-feira Santa é que é bacalhau ou peixe. Carne, nesse dia, é que não. É um dia respeitado. Às vezes, ainda respeitam, mas é pouco.

A Páscoa era mais ou menos como agora. Pronto, antigamente vinha o padre, agora vem o leigo de porta em porta com as lanternas e com a Cruz. Depois vem uma mão cheia de pessoal também. Em minha casa, é tradição todos os anos beberem sempre um copo de vinho branco e comerem um bolo de forno, uns bolitos amarelos. Já vão todos satisfeitos. Antigamente já não. Vinha um homem com um cesto a pedir para o padre. Chamavam foliar. Dava-se queijo, o que a gente pudesse dar. Mas agora é com dinheiro que a gente paga o foliar. Põe-se num envelope na igreja, quando se vai à missa.

Todos os anos lá vamos benzer os ramos. E dizem que aquilo, quando está a trovoar, é para se queimar nas brasas que afasta mais a trovoada. No Dia de Santa Cruz, há gente que também põe aí cruzeiros nas fazendas e nas padieiras das portas. Lá no Piódão é que têm essa tradição.

"Contava o meu avô"

Contavam histórias antigamente, mas a minha memória pouco recorda. Só ouvia falar do Oliveirão. Diziam que era lá em cima, do Chãs d'Égua. Até fomos nós que arranjámos a casa donde o mataram. Ele punha-se lá à porta com o capote pendurado na espingarda. Depois diziam:

- "Rende-te, Oliveirão!"

Isso é que eu não me recordo, mas contava o meu avô que andavam também uns indivíduos com uns cavalos. E depois ele punha-os a comer o milho das arcas. Isso também era tempos terríveis!

Lugar *A terra onde eu foi criado*

"Chamavam o barbeiro"

Antigamente, para tratarem da saúde, chamavam o barbeiro. Era um homem que havia ali no Piódão. Quando as pessoas adoeciam, às vezes, vinha cá dar injecções e ervas. Não havia comprimidos como agora. Eram umas ervas, uns chás e assim. Acho que o pai dele também já era assim. Ainda me veio cá muita vez.

Uma cólica na barriga

Quando era pequenito, eu tive uma cólica na barriga. Era muito achacado às lombrigas e acho que foi através disso que me deu qualquer coisa à barriga. Já dizia toda a gente, as minhas tias e os meus avós, que eu que morria. Estava branco que eu sei lá o quê. Depois até veio cá o padre para me sacramentar. Hoje é o dia que a minha mãe conta que o padre Manel, que era dali de Anseriz, dizia:

- "Olhe, deixe lá que o menino não vai morrer. Ele ainda há-de vigorar."

E "vigorei"! Graças a Deus, ainda cá estou. O barbeiro veio cá e deu-me um chá ou que foi e eu achei-me bem com aquilo. Ia-me botando abaixo, mas depois passou-me as cólicas que tinha na barriga.

Quando andava na escola do Piódão, comprava muita vez rebuçados a esse tal barbeiro. Dele tenho uma vaga ideia. Ele tinha lá uma tasca no Piódão, mas não me lembro dos remédios que ele desse.

"Cartas de porta em porta"

O correio era a pé. Vinha de Serpins. Depois o carteiro distribuía da estação do Piódão por aqui. Vinham-lhe trazer as malas ao Piódão. Do Piódão ia direito ao Chãs d'Égua, por aquele lado abaixo, para Foz d'Égua e pelo lado do Torno, para cima. Fazia este percurso daqui até ao Piódão a pé numa hora. Depois, de Chãs d'Égua, tornava ao Piódão. Estava lá um carro que os levava outra vez para Serpins. Era assim no meu tempo. Mas, antigamente, andavam uns estafetas aí. Iam buscar à Vide e, então, tinham um homem que trazia as cartas de porta em porta. Depois arranjaram aquela estação de correios do Piódão.

Um lugar ameaçado pela Natureza

Antigamente, no Inverno, ui, havia aqui neve aos oito e 15 dias! Uma vez, já mais que uma vez, quando fomos a abrir a porta do meu pai de manhã, aquilo estava até ao meio tapado de neve! E eram nevoeiros enormes e chuva. Aí semanas inteiras a chover! Agora é uma coisa só passageira. Mesmo este ano passou-se o Inverno sem se cá ver neve em cima. A neve é que derretia os nascentes. Tornava-os mais fortes, porque aquilo era uma coisa que enterrava-se por a terra abaixo. Devagarinho ia-se largando. Agora nem vem neve, nem nada. Vai os ribeiros aí tudo seco. É assim a vida.

Na altura, havia para aí pinhal que eu sei lá o quê. O mato andava roçadiço e a gente fazia-lhe atalhos - chamavam aceiros. Havia muita gente aqui a cortar mato e depois começaram os bombeiros a aceirá-lo. Assim, a gente livrava o fogo das fazendas.

"Um autêntico inferno que andava ali em baixo"

Há uns 18 ou 19 anos, veio um incêndio grande ali do Gandufe para cá. E outro dali da Vide para cima também. Aquilo, "puf", parecia o fim do mundo que aí andava! Evacuaram-nos para a Pousada, lá para o Piódão. E, da Pousada, já viam que a gente estava em perigo, ainda nos levaram para Côja. Em Côja eu, ao outro dia, pisguei-me por aí acima. A minha mulher é que ia lá para baixo

e eu vinha para cima, já para apanhar um carro, para me vir embora. Queria vir salvar a minha casa.

Chegámos aqui, estava tudo tapado de fumo, parecia nevoeiro. Quando chegámos lá adiante ao outro lado, ela diz assim para mim:

- "Então, mas que é que a gente aqui veio fazer? A gente não andaré maluco?"

- Não sei, sei lá. - disse eu.

Fomos ficar para aí. Então, não se ouvia nada, nem um passarinho nem nada. Só se ouvia o lume a estalar lá para o alto das serras.

- Oh, com um raio!

A gente lá viemos. Chegámos aqui, cozemos umas batatas com feijão e bacalhau. Essas batatas ainda andaram uns dois ou três dias. A gente nem nos apetecia comer. Depois começou a desaparecer o nevoeiro e o fumo. Do lado da Foz d'Égua, estava tudo negrinho! Eu até me ia dando o fanico. Até ia desmaiando ali. Digo para ela:

- Ó pá, queres ver como é que está aquilo daquele lado?

Diz ela:

- "Ai Nossa Senhora!"

E aqui esta parte "pia baixo"⁸ ainda estava tudo verde. O fogo ainda andava ali para o lado do Piódão. Estávamos aqui a começar a comer, venho lá para cima, começa uma língua de lume naquela serra por aí abaixo. Diz a minha mulher:

- "Eh pá, vamos fugir!"

Fugimos para a Foz d'Égua, porque lá já tinham ardido. Fomos para a casa do senhor Fontinha. De lá, começou o gajo aqui por este lado. Passou aqui, parecia o fim do mundo que aí andava! Depois, ao outro dia de manhã, eram seis horas, levantámo-nos. A senhora Maria lá deu conta da gente andar levantado, lá se levantou também. Lá nos queria dar café, mas eu não conseguia comer. Parece que tinha uma coisa atravessada na garganta. Lá viemos "pia cima"⁹. Chegámos, andava o fogo mesmo aqui, já em baixo, ao fundo da casa. Tínhamos ali um palheiro cheio de lenha. Andava mesmo à porta do palheiro! Se ele pega lá, a casa desaparecia toda! Lá comecei com uma mangueira ali "pia baixo"¹⁰ e a minha mulher a chegar-me a água. O fumo era tanto de baixo para cima que eu não conseguia respirar. Entrementes, chegaram os bombeiros. Lá deram uma mangueirada de água, lá o atalhámos até à ribeira.

⁸ por aí abaixo

⁹ por aí acima

¹⁰ por aí abaixo

Quando foi aí essas dez horas, começou-se a acender uma fogueira em baixo. Ó, começou a levantar-se um remoinho de lume daquele lado "pia cima"¹¹! A minha mulher não ficou lá, porque não calhou. Quando cá chegou em cima, aquilo parecia um autêntico inferno que andava ali em baixo. Era lume dum lado e lume do outro. Nem os helicópteros estavam ver se ele ia apagar. Depois lá chegaram os bombeiros, lá lhes disse:

- Ó pá, vejam lá se me salvam ali o alambique ao menos.

Quando demos conta, já andava o lume por aí afora. Lá veio ela mais o meu vizinho a gritar aqui para casa. Venho para ali bravo com outra mangueira pelo lado dali para salvar a casa dos meus pais e as casas daquele lado de lá. Lá o consegui abafar "pia baixo"¹². O meu vizinho é que me ajudou aí essa noite. Deste lado já estava abafado, ficou cá o meu vizinho com a mangueira a fazer o rescaldo. Depois, à noite, diz:

- "Vá, ó Zé, vai-te deitar. Quem fica de noite a tomar conta do lume sou eu! E, se houver alguma coisa, eu falo-te."

Deixei-lhe a porta da loja aberta. Depois, quando foi meia-noite, passou lá, diz ele:

- "Ó Zé, podes dormir descansado, que está tudo controlado!"

Pronto, às três da manhã tornou ele lá a passar. E assim foi. Mas vimonos aí a curar velha. Deus queira que nunca cá mais apareça outro igual, que isto foi pior para esquecer.

Se não fosse o turismo, era uma terra morta

Morei em Lisboa, mas eu gosto mais de estar na Quinta dos Moinhos. Pronto, foi a terra onde eu fui criado. Está o meu vizinho, não é de perto, está em Lisboa, mas comprou aqui casa e gosta disto. E a mulher adora! Quando aqui vêm, diz ela que, a primeira noite, até se esquece que está deitada. À segunda noite, então, diz que está a começar a concordar. À terceira noite é que ela diz:

- "Agora é que eu já estou a começar a ver o gosto de aqui dormir!"

Está habituada lá aos barulhos em Lisboa. Vem para aqui, isto é um sossego...

Já andaram a abrir estradões. Mas se para cá vier mais pessoal, turismo, pode ser que até arranjassem mais alguma casa para terem mais postos de trabalho e assim. Ainda andaram aí para pôr uma cabrada, mas aquilo depois

¹¹ por aí acima

¹² por aí abaixo

foi abaixo. Agora vamos lá ver aquela do Piódão. Andamos lá a fazer umas instalações, as casas, para uma cabrada. Anda uma ao cimo do Piódão. Essa era para cabras bravas. E, lá em baixo, andamos a fazer outra para ovelhas e para cabras. Já lá têm 70 ovelhas e são umas 17 cabras, que é para fazerem queijo e venderem cabritos. Dizem que aquilo foi das eólicas que vão pôr aí nas serras. Estão a dar dinheiro para cá. Se têm de gastar em algum lado, então vão fazer isso, porque nós temos aqui muita água e lameiros bons para o gado. Vão aproveitar. É, como eu digo, sempre vem mais pessoal e sempre é mais postos de trabalho que vão ter aqui. Foi como a Pousada. Arranjaram ali aquela estalagem, já é mais pessoal que ali metem e mais juventude aqui fica. Senão, a malta nova ia embora.

Agora também fizeram o Centro Interpretativo de Arte Rupestre. Acho bem, que é para trazer para cá mais pessoal. Há ali em cima, por baixo de Chãs d'Égua, umas gravuras. Chamam as do Soito. Dormi muito sono, a guardar as cabras, em cima daquilo! Via lá aquilo de cima das pedras, mas eu sabia lá que é que era. Botava as cabras lá para o meio do mato, aquilo faz assim um embalamento e dormia lá muito sono. Ainda hoje o dia que digo:

- Olhe, dormi muito sono de cima desta pedra!

E quem me dera nesse tempo. Já o meu pai diz que se lembra sempre lá daquilo. E o meu avô tinha lá uma quinta para além. Diz que viam lá as gravuras, mas nunca me passou por a ideia que é que era aquilo. Dizem que é coisas de há milhões de anos e não sei quê. Acho importante, porque o Piódão, se não fosse o turismo, era uma terra morta como aqui a minha quinta. Por exemplo, porque não havia desenvolvimento como lá agora há. E o turismo faz sempre falta à gente para desenvolver isto.

A malta

Antigamente havia aqui malta nova no Piódão. Aos domingos, havia para lá gente nova que eu sei lá o quê. Então da minha idade éramos uns poucos. Éramos dez ou 11. Quando fomos a Coimbra fazer a inspecção, aquilo parecia uma rapaziada que ali andávamos! Ficámos lá de um dia para o outro. Ao outro dia, viéramos numa camioneta ali para o lado da Moita da Serra. Olha, aquilo era uma "coboiaada"! Depois, um outro ano, encontrámo-nos todos no Vale da Maceira, mesmo dali da Moita da Serra, de Arganil e assim, e fizemos uma festa! Dissemos:

- Então, e aquela "coboiaada" que a gente lá em fez em Coimbra pela a camioneta acima!?"

A malta nova que vinha da inspecção era uma palhaçada! Aquilo era barulho, parecia que até virávamos a camionete. Não nos calávamos. Foi uma

paródia também depois esses dias. Quem nos dera nesse tempo. É assim a vida, tudo passa.



José Joaquim Castanheira (1946)

Lazer *O tocador de flauta*

O meu dia-a-dia é do trabalho para casa. Aos fins-de-semana é que então ajudo a fazer alguma coisa em casa. De mais, é do trabalho para casa e da casa para o trabalho. Mas ainda tenho uma flauta. Foi no ano passado ou há 2 anos que comprei uma em Coimbra. Ainda dei um balúrdio por ela. Gosto daquela e, às vezes, ainda toco. No Inverno, como são os serões maiores, às vezes, ainda a vou buscar. Deito-me no sofá com a lareira acesa, toco "terruc, terruc". E aqui estou entretido. Foi o meu avô é que me ensinou. Como tinha a viola e depois também tocava flauta, ensinou-me. E o meu padrinho também. Esse era um perdido! Às vezes, vai para as excursões e o realejo vai sempre com ele para tocar. A malta gosta de ouvir tocar. E aquilo foi uma herança que eu tive também do meu padrinho.

Sonhos "*Um sítio onde houvesse mais pessoal*"

Não tenho sonhos. A gente aqui vive praticamente, mas se eu soubesse quem me comprasse a casa, preferia ir para outro lado. Desejava um sítio onde houvesse mais pessoal. Fecha-se a noite aqui, não há para quem falar nem nada. Está o meu vizinho, mas está na casa dele, a ver televisão. E nós também estamos por aqui assim até às nove e meia, dez horas. Depois, parou. Vamos para a cama.

Avaliação "*Do antigamente*"

Gostei de conversar com vocês. Isto pode ser até para fazerem uma história. Depois, daqui a amanhã, os mais novos lembram-se de verem esta história que a gente passou do antigamente. Acho bem. Deus queira que vocês andem, que tenham saúde para descrever bem isto para vermos ainda onde puder. E, quando isso sair, é para a gente termos uma emoção do que é que se passou antigamente e do que se está a passar agora. Vocês, se não fosse de andarem assim com o turismo, era capaz de não andarem aqui a fazer estas entrevistas. É tudo sucessivamente. Tudo é bem para a terra.